

THIAGO INGRASSIA PEREIRA\*

# O que Paulo Freire teria a dizer? Ocupação

Para alguns e algumas, Freire representa o que temos de melhor na teoria educacional brasileira. Para outros e outras, passa por esse autor as nossas mazelas educacionais reveladas a cada levantamento dos sistemas de ensino. A notoriedade de Freire produz posições de adesão e resistência ao seu pensamento. Assim como acontece com outros autores e autoras de relevo, há muitos e muitas freireanos(as) que nunca leram, de fato, Freire. Assim como existe muita gente que não gosta de Freire e nunca se prestou a ler algumas páginas de sua extensa obra. Em tempos de “pós-verdade” e de extrema circulação virtual de informações, precisamos ir construindo o hábito de ter cuidado com as fontes que sustentam nossas posições.

O livro “Pedagogia do Oprimido”, que nesse ano completa 50 anos de sua escrita, é considerado uma das principais obras da filosofia da educação do século XX. Talvez isso explique sua tradução para mais de 40 idiomas e as sucessivas edições utilizadas como referências nas principais universidades do mundo. Contudo, a obra de Freire vai muito além, sendo reconhecida internacionalmente com muitos títulos de Doutor Honoris Causa, distinção acadêmica outorgada a quem obtém notório destaque em sua área de atuação. Paulo Freire é um autor identificado com a cons-

trução de um método de alfabetização de adultos e adultas que parte do pressuposto que a “leitura de mundo precede a leitura da palavra”, ou seja, que o processo de alfabetização deve considerar o universo cultural dos(as) alfabetizando(as). Partir da realidade dos(as) estudantes não significa ficar nela, pois o processo de ação cultural deve proporcionar repertório suficiente para uma compreensão sofisticada da realidade.

Estamos diante de um autor que construiu uma pedagogia de síntese, se servindo de fontes teóricas diversas como a fenomenologia, o existencialismo, o humanismo e o materialismo histórico-dialético. Além disso, Freire assume seu cristianismo católico e se aproxima do movimento chamado teologia da libertação. O pensamento freireano, assim, antecipa tendências interdisciplinares e da própria teoria da complexidade. Tenho como pressuposto que as ideias pedagógicas de Paulo Freire seguem atuais. Sigo na linha que o próprio Freire indicava acerca da necessária reinvenção de seu pensamento pedagógico. Ao repetir o que Freire escreveu, ao citar frases soltas ou chavões e copiar passagens atribuídas ao autor que circulam pela Internet, podemos não ser freireanos(as) ao achar que somos. Ser freireano(a) não é criar a “igrejinha” ou o “clubinho” do Freire, mas é assumir pressupostos políticos, episte-



mológicos e metodológicos. Em outras palavras, é assumir uma determinada postura como educador(a), pesquisador(a) e militante.

Ciente das polêmicas em torno desse autor, escrevi um pequeno livro, “A Atualidade do Pensamento Pedagógico de Paulo Freire” (Porto Alegre: CirKula, 2018), com uma grande e ousada intenção: fazer-nos pensar sobre Paulo Freire. A partir de minha experiência em estágio de pós-doutorado na Universidade de Lisboa e da participação anual no Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire, evento itinerante sediado em universidades gaúchas, apresento para o debate três conceitos-chave do pensamento

freireano: inacabamento (perspectiva antropológica), dialogicidade (perspectiva metodológica) e transformação social (perspectiva política).

Freire é um autor comprometido com o enfrentamento da desigualdade social, por isso, não descola de sua teoria do conhecimento um projeto de sociedade. Dessa forma, práticas participantes de pesquisa encontram nesse autor importante referência, assim como processos educativos emancipatórios que visam à autonomia dos sujeitos.

Para além de debates simplistas e preconceitos, estudar um autor brasileiro com grande notoriedade internacional pode ser uma saída aos impasses atuais de nossa educação. Pelo menos, saber ao certo por que Freire não serviria é algo interessante, assim como tentar compreender por que esse autor é referência para muitas experiências de ensino exitosas mundo afora. Seja a favor ou contra Paulo Freire, o debate educacional passa por esse autor nordestino e do mundo. Conhecer um pouco do que ele tem a nos dizer pode nos fazer acreditar que santo de casa faz milagre sim.

\* Sociólogo, doutor (Ufrgs) e pós-doutor em Educação (Universidade de Lisboa). Professor da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS) Campus Erechim.

THOMAS GIULLIANO FERREIRA DOS SANTOS\*

## Não me habituei a assistir a justificativas tão pueris às mortes de terceiros

Os meus detratores não acreditam, mas li sem qualquer resultado prévio cada uma das sílabas dos livros de Paulo Freire que embasam as minhas conclusões sobre a sua realização intelectual. Dessa maneira, conforme demonstro em meu livro “Desconstruindo Paulo Freire” e em uma série de conferências, concluí que ele foi um homem que não suportava certos tipos de sistemas e pessoas, todavia, ainda hoje é apresentado como um arauto do amor, vetor de “uma imensa capacidade de amar”.

Fundamentado na definição de Julien Benda, posso dizer que ele foi mais um intelectual “tipicamente do século 20”: um homem apaixonado por si, que acreditou que o seu fragmento da realidade era capaz de realinhar os princípios mais complexos da existência humana. Deslumbrado na certeza de que detinha um conhecimento singular, paulatinamente, tornou-se incapaz de enxergar a crueldade praticada ao longo de décadas por seus regimes de predileção.

Justiça seja feita, o pedagogo nunca omitiu sua sede de sangue. Como todo tirano, Paulo Freire conhecia a realidade segundo seu vocabulário, e nunca segundo a História. Consoante ao que estou comentando, deixo estes dois antônimos frasais: “Esses são exemplos de como Paulo amou. Amou as pessoas independentes de sua raça, de seu gênero, de sua religião, de sua idade ou de sua opção ideológica. Amou a natureza”, escreveu Ana Maria Araújo Freire em “Paulo Freire – Uma História de Vida.” Em “A Pedagogia do Oprimido”, sua obra mais disseminada, Paulo Freire escreveu: “A revolução é biófila, é criadora de vida, ainda que, para criá-la, seja obrigada a deter vidas que proíbem a vida”.

Percebam que ler Paulo Freire é estar perdido em um labirinto verborrágico. De um lado, encontramos um homem tratado como uma espécie de São Francisco do giz de cera, e, no outro extremo, um déspota. Suas ações foram uma dedicada tomada de posição,

legitimada pelas justificativas de que há diferentes tipos de homens e há um meio legítimo à realização humana na História. Apesar disso, torna-se paradoxal o encontro – borrifado de naturalidade discursiva – de trechos tão antônimos.

O nosso (ainda) Patrono da Educação Brasileira é um homem habitualmente interpretado como profeta. Figura incontestável, intelectual que não pode ter suas frases questionadas. Não estou emitindo provocações. Leiam os principais alfarrábios de seus intérpretes que encontrarão essa ostentação ao seu discurso messiânico. Para não deixar essa acusação simplesmente “no ar”, deixo as palavras de sua principal biógrafa, Ana Maria Araújo Freire: “Paulo, também nisso, foi adivinho, profético”. Essa tentativa de salvar sua aparência externa é uma desafinada cantiga para quem tem familiaridade com os textos de Freire. Estes raros indivíduos sabem que o nosso pedagogo era um apóstolo de seus mas-



sacres favoritos, uma vez que Fidel Castro, Ernesto Guevara e Mao Tsé-Tung gozaram de um ardoroso defensor de suas causas.

Em vez de palavreados, despeço-me com a máxima de Camus: “Em filosofia como em política, eu sou, portanto, a favor de qualquer teoria que recuse a inocência ao homem, e a favor de toda prática que o trate como culpado”.

\* Historiador. Autor de “Desconstruindo Paulo Freire”

Nos dias 11, 12 e 13 de dezembro, a Cia. Teatro ao Quadrado levou ao palco da Cia de Arte a montagem de “O Concreto Sobre Nossas Cabeças”, texto de Marcelo Adams escrito especialmente para a oficina de montagem ministrada por Margarida Peixoto. O elenco é formado por 19 atores e atrizes, alguns experientes, outros dando os primeiros passos na arte teatral. Acompanhei os ensaios por três meses, todas as segundas e quartas-feiras.

Ator, diretor teatral e dramaturgo, Marcelo Adams recebeu por duas vezes o Prêmio Açorianos de Melhor Ator, a mais prestigiada premiação do teatro gaúcho. Doutor em Teatro, Adams também é professor da graduação em Teatro-Licenciatura da Uergs e, recentemente, sua montagem de Nosso Estado de Sítio (inspirada em Estado de Sítio, de Albert Camus), produzida com alunos da universidade, foi um dos 10 espetáculos selecionados (de 230 inscritos) pela convocatória a ponte – Cena do Teatro Universitário, promovida pelo Itaú Cultural, cujo objetivo é dar visibilidade ao que de melhor se faz no teatro universitário do país. Único representante do Rio Grande do Sul, o grupo de alunos dirigido por Adams viajará para São Paulo, onde se apre-

LUÍS AUGUSTO FISCHER

## O ELOGIO D

Pode agradar ao leitor interessado em literatura e em música no Brasil um ensaio sobre o modo como a obra de Machado de Assis lidou com a aclimação das formas musicais europeias aqui? Não há dúvida que sim. Machado, como se sabe, frequentou em vários momentos a questão, na crônica, no romance e superiormente em alguns contos; se o ensaio tomar em conta “Um Homem Célebre”, relato sobre o dilema irresolvido do pianista Pestana — entalado entre o desejo de compor como os clássicos europeus e a vocação de fazer brotar polcas sacudidas já brasileiras —, estamos feitos, já que nesse conto tudo gira, dança, em torno desse tema.

Mas pode agradar este mesmo ensaio se ele não tiver plano de voo explícito e para piorar, se ele misturar referências teóricas bastante díspares, da história pura e dura do Segundo Império (Luiz Felipe Alencastro) à semiótica (Greimas), passando pela sociologia da arte (Antonio Candido, Roberto Schwarz, Pasta Júnior) e pela psicanálise, mas centrando forças na historiografia e na crítica musicais (Mário de Andrade, Carlos Sandroni, Tinhorão Mammì)? Ainda assim pode, é claro, desde que haja talento na passagem de uma coisa a outra, oferecendo em abundância analítica o que eventualmente falte em amarrão teórico. Para ler um conto como o do desventurado Pestana, pode ter bastante cabimento essa combinação heterodoxa de conceitos, ainda quando postos em relação mais pela contiguidade do que por uma estratégia interpretativa de conjunto.

Pelos dois lados cabe o elogio ao ensaio Machado maxixe, agora publicado em

CRISTIANO GOLDSCHMIDT\*

# O e despejo na Companhia de Arte

entará no próximo dia 26 de janeiro.

O Concreto Sobre Nossas Cabeças, texto de Ádams levado ao palco da Cia de Arte pelas mãos de Margarida Peixoto, trata de conflitos a partir da ocupação de prédios abandonados, narrando histórias de indivíduos e famílias que sofrem com suas tragédias individuais e coletivas e enfrentam o preconceito da sociedade. Abandonados à própria sorte, sem o amparo do Estado, e muitas vezes vítimas dele, há ali as dores dos que desafortunadamente, e não por opção, chegam à triste condição de sequer terem um teto para morar.

O texto foi escrito para contemplar um grande número de atores em cena, e a inclusão de um coro, segundo Ádams, é uma tentativa de dinamizar a cena para que a passagem entre umas e outras tenha um senso de teatralidade e o efeito de contar coletivamente várias histórias. Assim, as personagens, em voz uníssona, introduzem o tema central: “Pensa num prédio de nove andares que está ficando aos pedaços há não sei quantos anos. Os donos são um pessoal cheio da grana que nem ora mais no Brasil, mas que tem uma fortuna em imóveis por todo o país. Entre as propriedades que eles têm está esse prédio,

no centro da cidade, que já foi usado por banco e sindicato patronal. O prédio fica ali, perto de tudo...”.

Resultado de uma pesquisa séria, comprometida em esclarecer os motivos e os critérios que levam grupos de pessoas a ocuparem certos imóveis, o texto é recheado de informações esquecidas ou ignoradas pela imprensa que noticia as ocupações e que prefere falar em invasões, criminalizando os movimentos que lutam por moradia.

Para que uma ocupação aconteça, é preciso que o prédio esteja abandonado, sem cumprir com alguma função, ou com dívidas acumuladas, como o IPTU. Os que ocupam buscam um espaço que possibilite a sua permanência perto dos seus locais de trabalho. Muitas vezes trabalhando na informalidade, ou em condições precárias, optam por um local de fácil acesso, perto de tudo. E mais uma vez o coro entra em cena: “(...) do descaso, do que é abandonado pelos donos, pode surgir um espaço de companheirismo, de união, de acolhimento e de luta pelo direito de se manter digno, de viver com um mínimo de conforto e tranquilidade”.

O autor buscou o que há de mais triste na realidade para escrever sobre uma parcela da popu-



Em dezembro, a Cia. Teatro ao Quadrado levou ao palco da Cia. de Arte a montagem de 'O Concreto Sobre Nossas Cabeças'

lação que vive marginalizada. Vivendo constantemente entre a esperança e o medo, sem garantias de permanência e de segurança, empurrados quase sempre para regiões periféricas, nas ocupações dividem o mesmo espaço desde aqueles que perderam o pouco que tinham aos que nunca tiveram nada. No palco, estão retratadas as histórias de idosos que precisaram optar entre pagar o aluguel ou os remédios de uso contínuo, vendedores ambulantes, catadores de lixo reciclável, domésticas e prostitutas, um incontável

número de profissionais cujo trabalho é ignorado ou desprezado pela sociedade. Vítimas da crueldade de um sistema político e econômico excludente.

Diretora experiente, Margarida Peixoto sabe o que dizer e mostrar aos atores para deles extrair o seu melhor, e embora o elenco seja composto por estudantes de teatro ainda em formação, alguns conseguem se destacar, fazendo com que o espectador se emocione com boas atuações. “O Concreto Sobre Nossas Cabeças”, pela qualidade dramaturgica, pela

atualidade do tema, pelo cuidado com cenário e figurinos, mas também porque há ali promessas que aos poucos ocuparão a cena teatral gaúcha, deveria voltar aos palcos de Porto Alegre, cumprindo nova temporada. Seria uma excelente oportunidade para o público refletir e discutir sobre um problema muitas vezes apresentado com pouca seriedade e quase sempre por um viés preconceituoso.

\*Professor, Especialista em Pedagogia da Arte e Mestre em Artes Cênicas pela Ufrgs.

## A SÍNTESE MULATA

o livro solo. O autor é José Miguel Wisnik, músico, cancionista, professor de Literatura Brasileira, ensaísta de nomeada, que alcança, neste trabalho, um ponto alto de sua carreira. No texto, Wisnik usa de suas múltiplas habilidades e variada formação para apreciar o citado conto de Machado de Assis, assim como, secundariamente, alguns outros (“O Machete”, “Cantiga de Esponsais” e “Terpsícore”). O resultado é um ensaio variado, denso, de linguagem fluente e grande poder de sugestão, que transcorre tendo como guia geral o desenvolvimento do enredo do conto que é seu objeto. O resultado é ao mesmo tempo agradável e provocador, tendo, para a leitura, um quê de onírico — o ensaio se faz ler por associações indiretas, por flutuações entre a literatura e a música, e não pela perseguição a uma questão central ou em atenção a um argumento principal. (No terreno específico do debate literário, é notável que Wisnik opere com conteúdos e com significantes, não com estruturas; já no debate sobre música, a estrutura tem lugar, ao lado das outras dimensões.)

Há pontos altos e pontos baixos no conjunto — e isso se salienta por se tratar de um texto compósito, sem introdução ou conclusão, em que nem todos os dez capítulos convergem. Dos baixos não interessa falar muito, mesmo porque não são ruins ou mal concebidos, pelo contrário, e apenas assim se mostram em vista da superioridade de outros, estes representando reflexão madura e alcance crítico maior. É o caso do primeiro capítulo, em que o par sucesso e glória é analisado em confronto, tendo em vista os anseios de mercado e os da arte, respectivamente; é também o caso

do mais longo segmento, intitulado “A Polca e o Maxixe”, em que o autor alia a leitura do conto à de um conjunto de crônicas, a revelar em Machado uma atenção constante e aguda ao fenômeno da música urbana no Brasil do tempo; acresce ainda nesta parte uma exposição clara sobre as alterações propriamente musicais operadas na polca pela via da sincopação.

O ensaio é encantador, no bom sentido, por levar o leitor para zonas de pensamento não cartesiano mediante passagens charmosas, mas também no mau, por obrigar o leitor a acompanhar o fluxo da reflexão sem poder medi-lo em relação a um propósito claro, que não há; assim, sem oferecer clareza quanto ao destino desejado, em parte ele mina as possibilidades de debate, justamente por não expor seus interesses de conhecimento; e essa omissão, que, repito, tem lá seus encantos (ainda mais na mão de quem, como Wisnik, escreve bem e opera muito perto do discurso psicanalítico, com associações-quase-livres entre significantes — a começar do título), só se vê quando se pergunta, por exemplo, pelas escolhas teóricas mais fundas, mais radicais. Quais são elas?

Salvo engano, há apenas uma exclusão e não mais que um par de afirmações no centro dessa resposta. Mantendo em vista que Machado de Assis opera sobre “oposições que não produzem diferença” — fórmula sintética para diagnóstico da peculiaridade brasileira, que Wisnik mantém no horizonte —, o ensaio vai agregando entradas teóricas, mas em significativo momento bronqueia: “Machado trabalha esse substrato coberto de tabu — um tabu sociocultural, político, econômico, racial, sexual, exis-

tencial, cujo cerne persistente é difícil de deslindar até hoje, e que a antropologia politicamente correta, tratando-o de maneira unívoca, só faz confirmar e recobrir” (grifo meu). A briga é contra um inimigo teórico que lê este ponto nevrálgico da cultura brasileira de modo errado; que ponto é esse?

Dizendo de modo breve e impreciso, é a condição mulata, que Wisnik trata de saudar em seu ensaio, tanto na encarnação machadiana quanto na maxixeira. Nada a estranhar, então, que as afirmações de afinidade envolvam Gilberto Freyre (que porém é “apologético”) e o mais citado de todos, Mário de Andrade, evocado aqui em sua extensa contribuição enciclopédica mas também em uma sua interpretação, mais dialética do que a média, sobre a rítmica brasileira, interpretação que Wisnik aproxima nada menos que da “Dialética da Malandragem”, conhecido ensaio de Antonio Candido.

As razões de Wisnik são substantivas e bem apresentadas, o que não impede alguma arguição — por exemplo, sobre esta evocação de Mário de Andrade como cancelando a saudação de Wisnik à síntese da polca amaxixada, quando se sabe que o prócer modernista rejeitou um desdobramento decisivo dessa síntese, o samba carioca, como representativo. De todo modo, com Machado maxixe temos um passo de valor no debate machadiano, assim como na reflexão sobre o processo da música popular urbana no Brasil, passo que é marcado por certa celebração eufórica da síntese modernista paulista.

\* Escritor e professor da Ufrgs. Autor de “Machado e Borges: E outros ensaios sobre Machado de Assis” (Arquipélago)

